

A Competência Faltante: Um Agente Transformador da Sociedade Brasileira

Auri Luiz Morais Rodrigues Filho
Gestor Comercial Indústria Multinacional
Mestrando em Estratégia Empresarial
Especialista em Gestão Empresarial
auri.filho@uol.com.br

Todos os dias através dos noticiários da TV, dos periódicos e da Internet, nós recebemos milhões de informações sobre as profundas transformações que estão acontecendo com a política e a sociedade mundial. Algumas revistas semanais propõem que estamos presenciando o início do fim dos mundos, o apocalipse como está previsto na Bíblia. Outros afirmam que estas grandes mudanças são conseqüências das influências do mundo espiritual, do mundo invisível, que pretende promover um maior equilíbrio entre os povos. Verdade é que a natureza tem apresentado comportamentos diferentes do seu histórico. O fato é que, é inegável a grande transformação no mundo, obviamente incluindo o Brasil. Parece mesmo que estamos diante de um “rearranjo das melancias dentro do caminhão” e que depois destas turbulências, algumas verdades sobre a vida, alguns valores pessoais, muitas definições de poder e até algumas crenças poderão ser modificadas.

Muitos pesquisadores e estudiosos internacionais apontam, baseados em dados e fatos, que o Brasil possui **quase** todas as credenciais necessárias para conquistar o desenvolvimento, o reconhecimento e a representatividade mundial, ocupando uma “cadeira” vitalícia entre os países de 1º mundo.

Realmente não precisamos ser pesquisadores ou estudiosos do assunto para sabermos que os recursos naturais que temos em nosso país são de grande valor mundial, que é alicerce fundamental na busca do desenvolvimento. Temos água abundante, temos muita terra inexplorada, temos fronteiras e portos diversos, temos clima favorável para agricultura e pecuária e principalmente temos experiência nestes mercados!

Adicionalmente e isentando-nos de opiniões políticas, podemos reconhecer que a macro-economia brasileira vem evoluindo há anos e hoje apresenta resultados, baseado em índices históricos, muito bons e que são reconhecidos por todos os países e órgãos mundiais independentes. Portanto podemos assumir que temos uma macro-economia sólida e reconhecida internacionalmente.

Ainda sem preferências partidárias ou ideológicas, constatamos diariamente, a autolimpeza que a política brasileira tenta promover. Apesar da conjuntura cinza, nota-se ao olhar pra trás e pra frente, que estamos dando passos importantes na busca de uma política mais justa, limpa e organizada. Desta forma, estamos construindo outro pilar (a política ética) fundamental para o desenvolvimento do nosso país.

Somos invejados pela nossa criatividade, pela nossa inteligência individual, pelas nossas habilidades físicas e até pela nossa alegria contagiante. O futebol, o carnaval, a música, as invenções/soluções brasileiras em diversos campos e até a presença maciça de executivos brasileiros nos escalões mais altos de empresas multinacionais e internacionais, são exemplos reais destas características. Temos então outro alicerce importante para o desenvolvimento do país.

A história do Brasil demonstra nossa índole pacífica, não somos uma nação de guerras ou de más relações internacionais. Pelo contrário, temos construído e mantido relações diplomáticas com a maioria dos países do mundo, sem qualquer tipo de discriminação. Somos, portanto, uma nação de ótimas relações internacionais e de grande representatividade no lado leste do mapa-múndi.

É fato a miríade de problemas que enfrentamos hoje, podemos discorrer livros sobre eles, mas resumidamente destacamos a fome, a falta de educação, a restrita cultura da população, o alto nível de desemprego, a falta de igualdade nas condições básicas de saúde e a corrupção enraizada entre as pessoas. São estas, e outras muitas, deficiências que nos classificam como país em desenvolvimento ou país de 3º mundo!

Reunindo os alicerces descritos acima, temos no Brasil de hoje, e provavelmente teremos no de amanhã, os recursos naturais mais invejados do mundo; uma macroeconomia sólida e duradoura que não se abala com conjunturas desfavoráveis; uma política em evolução que trabalha na sua autolimpeza; uma criatividade individual reconhecida; a inteligência, a alegria, as habilidades físicas e, por fim, uma nação muita bem relacionada com a diversidade do mundo, com grande representatividade nas Américas.

É neste momento do raciocínio que emerge uma questão atormentadora: “O que nos falta para tornarmos eficazes todos os investimentos e esforços que fazemos para elevar o Brasil à elite dos países de Primeiro Mundo?”. Estamos agora no Brasil, diante de um *trade-off*, onde precisamos escolher entre, o caminho (mais

difícil e longo) da busca incessante de encontrar e desenvolver a competência que nos falta para transformar-nos num país de 1º Mundo, ou o caminho (mais fácil) de deixar tudo como está, nas mãos do curso natural (aparente) das coisas e continuarmos provavelmente sendo um país subdesenvolvido.

Parece-nos lógico o caminho mais difícil e longo. Acredito que ao fazermos nossa auto-análise profunda, somando nossas individualidades em prol do consciente coletivo, encontraremos o que realmente nos falta.

Vimos que recursos naturais, macro-economia, política, qualificações pessoais e relações internacionais não satisfazem a pergunta que permanece latente. Cada pessoa, provavelmente terá sua própria resposta ou dirão que não há uma resposta única.

Na tentativa de encontrar a competência faltante, podemos iniciar pela análise rápida das características e histórias dos povos de Primeiro Mundo. A profundidade e abrangência desta análise são enormes e complexas, mas é possível identificar claramente que estas sociedades foram construídas com bases muito diferentes do Brasil, foram basicamente povos que desbravaram e exploraram outras regiões da terra, ou ainda, foram suas histórias de guerras e sofrimentos que mudaram o âmago da sociedade e do povo de determinada nação. Formando desta forma uma sociedade desbravadora, resistente, exploradora.

Ao compararmos com a história recente do Brasil, entendemos nossa parcimônia diante dos absurdos que enxergamos, entendemos nossa falta ou fraca reação às imposições prejudiciais à sociedade brasileira, entendemos nossa aceitação frente à contínua exploração que perdura há 506 anos!

Fomos descobertos, pelo menos historicamente, em 1.500 d.C. e explorados de forma legal por mais de 322 anos, quando “conquistamos” nossa independência, em Sete de Setembro de 1822. Há 183 anos somos **independentes**, mas esse adjetivo não lhe parece estranho? Sabemos que as empresas multinacionais instalaram-se aqui há muito tempo e implantaram seu sistema capitalista que envia os dividendos conquistados em solo brasileiro às matrizes internacionais. Claro que trazem investimentos, tecnologia e oportunidades, mas assim é a realidade capitalista e não podemos excluí-la da análise.

Portanto nossa sociedade foi formada com características originalmente diferentes dos países que hoje possuem o “selo” de Primeiro Mundo. Fomos e somos explorados em larga escala e não desenvolvemos uma consciência coletiva a

ponto de mudar definitivamente esta realidade, não possuímos uma visão única dos recursos, dos poderes e das características que temos para mudar o status de explorados para exploradores.

Longe de incitar revoluções ou modificações nas condições comerciais e capitalistas atuais, e mais longe ainda de sugerir alterações em nossa condição conciliadora como nação, o que devemos fazer é manter estes recursos tão valiosos que temos e que somos reconhecidos. Mas é dentro desta análise de **formação da sociedade** que encontramos um vasto e amplo caminho para nos ajudar a chegar à competência que nos falta.

Acredita-se que a qualidade poderosa e diferencial para nos classificarmos como potência mundial é termos uma **sociedade pensadora**. Um povo que compreenda suas forças e fraquezas. Uma nação que trabalhe com uma realidade clara e única dos fatos embaixo do braço e que saiba frear o instinto explorador das outras nações, alterando o status de país explorado para uma sociedade exploradora de conhecimentos, de representatividade mundial, de respeito amplo e irrestrito, influenciando o mundo com nossas qualidades diversas e características peculiares.

Talvez seja em função da falta desta **sociedade pensadora** que os pesquisadores e estudiosos internacionais apontam, baseados em dados e fatos, que o Brasil possui **quase** todas as credenciais necessárias para conquistar o desenvolvimento, o reconhecimento e a representatividade mundial, ocupando uma “cadeira” vitalícia entre os países de 1º mundo.

Assumindo que esta transformação na sociedade brasileira nos sustentará, e que construirá todos os alicerces necessários ao desenvolvimento e crescimento mundial, tornando o Brasil uma potência mundial, outra pergunta intrigante se apresenta: “Como obter esta transformação? Qual o agente transformador mais eficaz nesta tarefa longa e difícil?”.

Emerge primeiramente alguns organismos de abrangência nacional que possuem acesso à quase todos os brasileiros, com certo grau de poder de influência, que são o governo, a igreja e algumas ONGs.

De certo, sabemos apenas que este agente transformador deve ser independente, não deve seguir uma orientação financeira, não deve cumprir um papel na política nacional e tampouco deve atender uma crença ou verdade única. Entende-se que é preciso seja heterogêneo, amplo, com alto grau de influência

sobre a maior quantidade possível de pessoas, além de estar nacionalmente distribuído. Que tenha braços nas diversas camadas da sociedade, **que a ensine a pensar**, a contestar, a resistir, a propor, a mudar, a investir, e que entenda claramente o seu papel neste processo, em prol de um país novo, de um novo degrau mundial para o Brasil.

Isto posto torna-se frágil a escolha de um dos organismos listados acima como o agente transformador da sociedade brasileira. O governo não é isento nas relações políticas, não está maduro o suficiente para desejar construir uma sociedade pensadora, pois a liderança de uma nação assim é supostamente mais árdua, demanda mais igualdade social e provavelmente não é do seu interesse. Está numa posição hierárquica difícil de influenciar grandes mudanças, pelos custos envolvidos e pela própria resistência que enfrenta numa democracia presidencialista.

Da mesma forma as ONGs estão intimamente ligadas aos governos, pois deles se sustentam na maioria dos casos e com eles desenvolvem programas sociais. Não possuem abrangência necessária para uma transformação profunda no modo de pensar da sociedade e nem tampouco acessam as diferentes camadas da sociedade, normalmente trabalham com o foco num nível ou nicho da população.

Igualmente as igrejas de qualquer religião ou credo não conseguem chegar a todas as pessoas, não se comunicam com o todo, apenas com aquelas camadas que assumem determinada crença. Apesar de terem grande influência e normalmente não possuírem orientação financeira, as igrejas seguem linhas políticas e ideológicas claras, o que já vimos não é o perfil desejado para o agente transformador da nossa sociedade.

Portanto é necessário que busquemos este agente por outro caminho, investigando pelo lado beneficiado por esta transformação desejada, ou seja, pelo lado da vida das pessoas, do cotidiano do povo. Para assim tentar identificar em quais momentos da sociedade brasileira podemos influenciá-la, com independência, abrangência e inteligência!

Ao analisarmos a vida da grande maioria dos brasileiros, chegaremos a algumas conclusões rapidamente. Quais sejam:

- As pessoas economicamente ativas, que são maioria, passam mais da metade do seu tempo produtivo de vida envolvido com trabalho, se não dentro do local de trabalho;

- Que num país subdesenvolvido a entrega pessoal ao trabalho é muito grande, pois a perda do mesmo é um dos maiores medos dos trabalhadores;
- Que os valores, as verdades, os comportamentos pregados dentro das empresas, através de seus gestores, acabam, cedo ou tarde, refletindo nas pessoas que ali passam grande parte de suas vidas e, conseqüentemente, chegam até as respectivas casas e famílias destes trabalhadores.

Portanto temos aqui substância suficiente para analisarmos as empresas, ou melhor, o gestor das empresas, como um possível agente transformador de nossa sociedade.

Reforçamos que o perfil desejado para este agente transformador deve ser independente, sem orientação financeira neste desafio, sem um papel político e sem uma religião única, e por isso tem que ser heterogêneo. Tem que ter amplitude, grande grau de influência, vasta distribuição ou acesso às diversas camadas e regiões da sociedade brasileira. Acrescentemos a didática e a paciência, pois trata-se de um trabalho longo, árduo, entre seres humanos, que demandará sem dúvida muitas qualidades pessoais.

É fato que o gestor de equipes, ou gestor de pessoas, está presente nas mais diversas e longínquas regiões do Brasil, pois em qualquer lugar que haja grupos de pessoas, há empresas instaladas, sejam elas formais ou não. Desta forma as **características de distribuição e amplitude são atendidas pelo gestor.**

Os milhões de gestores das mais diversas empresas em tamanhos, tipos, ramos e regiões formam um grupo totalmente heterogêneo e sem credo único, por tratar-se de uma diversidade enorme de pessoas. Portanto as **características de heterogeneidade, credos múltiplos e diversidades políticas e comportamentais são também atendidas pelo gestor.**

O trabalho de liderança, de orientação e de ensinamento, constitui naturalmente uma influência sobre o trabalhador da equipe, sobre a pessoa que participa de determinado time. A soma destes milhões de pequenas influências com um mesmo objetivo resulta numa enorme influência nacional. Assim a **característica do poder de grande influência** sobre a sociedade, igualmente é atendida pelo gestor como agente transformador.

Finalmente a posição de gestor ou de líder de uma equipe, independente do nível hierárquico que ocupe, seja qual tamanho de empresa for, atue em qualquer ramo, esteja em qual região estiver, pressupõe um nível básico de didática, paciência e boa relação interpessoal, pois estas competências são exigidas diariamente dos líderes. Conclui-se então que **a característica da didática e paciência também pode ser atendida pelo gestor.**

O conjunto destas últimas análises sugere que o gestor de pessoas, ou gestor de equipes, ou os vários gestores das empresas, possuem as mais diversas características do perfil, entendido como o melhor, para ser o agente transformador de nossa sociedade.

Desta maneira, entendemos que os gestores de todo este país continental possuem um poder magnífico de influência, um papel muito importante, pois são exemplo para as pessoas que lideram e, respectivamente, para as famílias destes liderados. Entendemos que eles possuem um canal de comunicação aberto, diário, intenso, durante todo o dia de trabalho. Que estes agentes transformadores, se alinhados, poderão ensinar “suas” pessoas a pensar, a enxergar holisticamente, a tratar todos mais humanamente, a distinguir o certo do errado com ética, a apresentar novos e reavaliar velhos valores. E assim, preparar as próximas gerações para uma sociedade pensadora, exploradora de conhecimentos, influenciadora mundial nos quesitos peculiares do Brasil, sustentando a conquista da cadeira vitalícia do país entre as nações de Primeiro Mundo.

Estamos convencidos, que nossa competência faltante para obtermos um lugar vitalício entre as grandes potências mundiais, é uma sociedade diferente, uma sociedade pensadora, uma sociedade que mude seu status de explorada para independente e exploradora. Convencidos que o agente transformador desta sociedade que melhor atende as características do perfil desejado deve ser o gestor de todos os níveis hierárquicos, de todas as empresas e de todas as regiões do Brasil, perguntamo-nos novamente: “Como iniciar este processo de conscientização e convencimento do poder e da importância deste trabalho dos milhões de gestores existentes e diversos, em prol do Brasil? Quais valores, quais atitudes, quais comportamentos ensinar aos gestores, como agentes transformadores para multiplicar e influenciar toda uma sociedade?”.

Estas respostas podem construir um bom começo de uma nova discussão!